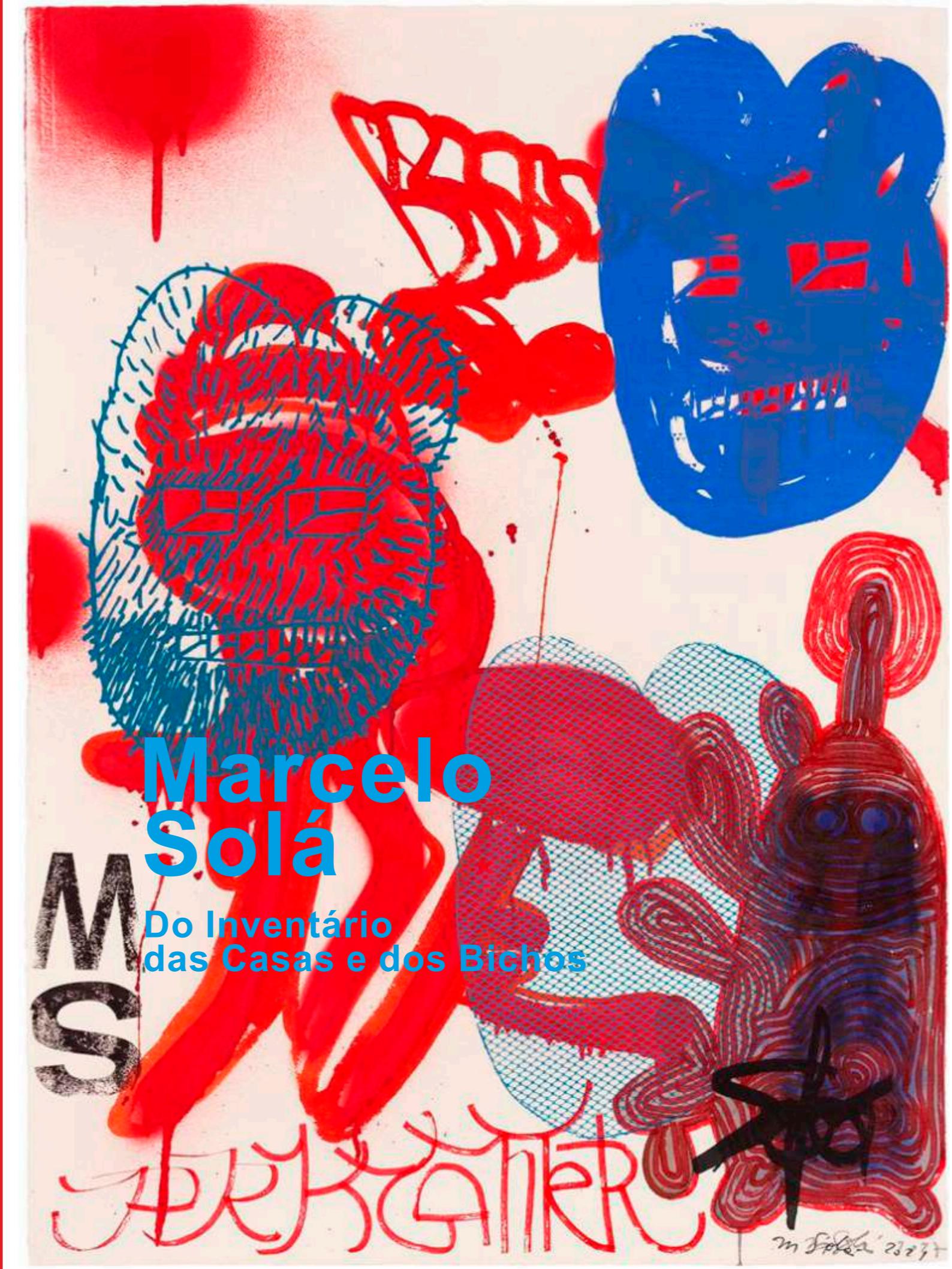


CASSIA
BOMENY
GALERIA







A taxonomia infinita de um mundo em vias de nascer

Um inventário de casas e bichos, uma forma de escrever um mundo, uma maneira de adentrar as frestas da cintilância do desenho: o universo inventado por Marcelo Solá faz vicejar as minúcias das origens da forma e escapa a qualquer classificação.

Em seu mundo, os animais nos espreitam – distantes e próximos, fascinantes, divertidos e assombrosos – animados pelo traço errante e pela cor. Como que surgidos de um “desenho puro”, eles nos olham e nos despojam de nossa arrogância narcísica: apenas uma linha fina separa a humanidade da animalidade, o doméstico do indomesticável. De maneira sensível, Solá agrupa arquiteturas fantásticas e bichos, elementos díspares que, através do desenho e da serigrafia, são justapostos num inventário sem fim, numa taxonomia infinita e ancestral.

Palavras esparsas, letras, números, silhuetas esboçadas por linhas de contorno e estruturas enunciam volumes próprios, em que casas e bichos se misturam em expressões gráficas. Agrupam-se cores e um pendor para a pureza do desenho em seu estado originário, como se os gestos e traços do artista fossem o esboço de uma inquietação diante da estranha e familiar figura de um animal que representa a alteridade radical de onde fomos arrancados.

Animais e formas arquitetônicas muito singulares se embaralham e nos levam a espaços mentais e temporais, fazendo-nos deslizar em sentidos outros em que a relação porosa entre infância e arte atualiza essa espécie de “desenho puro”. A dimensão do humor e o flerte com o que escapa aos sentidos domesticados permite que o mistério dos primeiros tempos nunca se dissipe: são garatujas, traços esboçados de forma ruidosa, preservando a centelha de inacessível e irrepresentável de uma obra.

As camadas espessas de cor se resolvem numa alquimia própria como uma pele que sobrepõe outra pele, como um salto que inclui humor e poesia e nos faz adentrar as fronteiras do humano e do animal, do eu e do outro, do fora e dentro, do estranho e próximo.

As casas são invadidas por bichos animados por uma lógica pop e delirante – surgida de cartoons, histórias em quadrinhos ou desenhos animados – com formas bizarras e cores disparatadas que escancaram a grande faculdade de abstração do artista e sua alta potência imaginativa. Tudo parece surgir do desenho e caminhar para outras linguagens. Mas desenhar é, para Marcelo Solá, um modo de escrever que adquire modulações diversas e o encaminha para formas textuais mais híbridas, experimentando possibilidades, sobretudo rítmicas. Há, no gesto primeiro do desenho, um ritmo que parece guiar o trabalho atravessado por formas mistas de existência e por figuras animais que passam a povoar suas construções de maneira mais explícita.

Nessa delicada zona de interseção entre infância e arte se aglutinam o jogo, o lúdico, a brincadeira, a dimensão nebulosa da fantasia e uma espécie de corpo mutante que leva a uma interrogação constante sobre o visível e o invisível. Como sujeitos dessas mutações, as casas e bichos transbordam sua própria identidade, criando zonas de indefinições que escapam ao controle e abrem brechas a um espaço próprio.

Para atingir uma sensibilidade não coagida pela razão ou, ainda, para acessar regiões de não sentido, as casas e bichos experimentam muitas possibilidades expressivas e vários ajustes formais. O artista cria um alfabeto próprio e desenvolve seu trabalho a partir de um hibridismo de linguagens: serigrafia, desenho, pintura e um material heteróclito que mistura elementos e animais do cerrado, uma arquitetura forjada na fabulação como uma escrita fantástica que abriga tamanduás, lobos, tatus, quatis. Uma dose de assombro e outra de humor faz com que tudo possa se deslocar graficamente entre diversas texturas de tintas, sobrepondo nuances e filigranas de uma relação viva e complexa entre o corpo do artista, casas e bichos num processo mítico que alude ao retorno de uma narratividade originária.

Para Solá, o desenho é uma linguagem gráfica e um trajeto, um aceno e uma presença no mundo, de onde emergem outras linguagens. Mas é a natureza aberta do desenho que permite a liberdade da experimentação. Letras, palavras, nomes, tintas e outras impressões revelam uma caligrafia singular que irradia e afirma o gesto primário de abertura ao espontâneo, a partir de um centro íntimo ou de uma ideia.

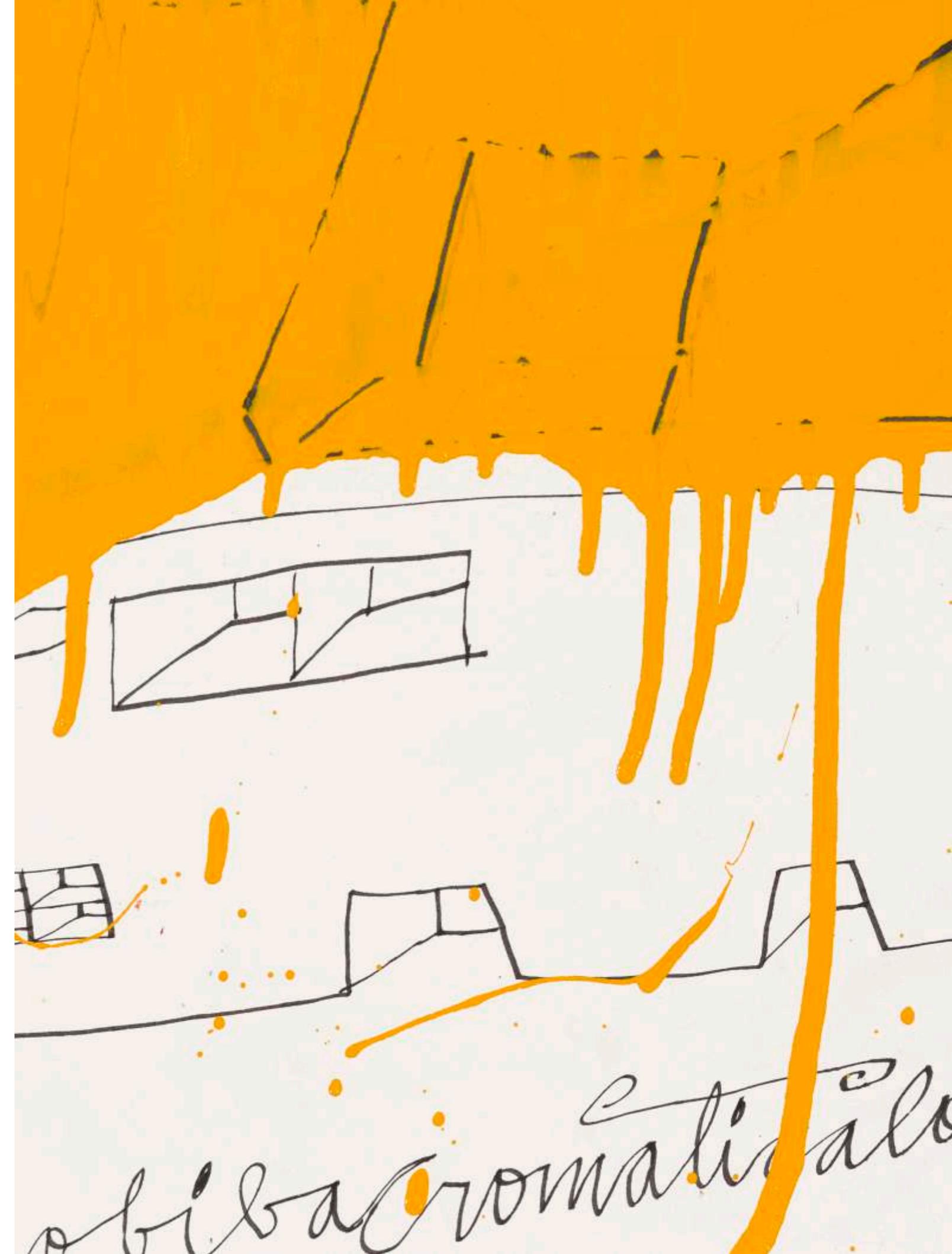
Essa espessura poética encontramos na escrita de Jean Claude Ameisen, biólogo e pensador que descreve uma ideia de origem mediada por uma pulsão epistemofílica, que é o desejo de saber, que implica a articulação entre o pensar e o sentir. Ameisen localiza, nos processos de subjetivação da criança, a possibilidade de “irradiação” como uma integração subjetiva do ritmo do mundo, ainda surdo e espesso, algo que permite um desenho entre o corpo da mãe e do bebê e que, em seguida, se encaminha para o mundo como uma escrita que sai do limbo e da escuridão – o corpo da mãe – se abrindo para estímulos externos e criando a possibilidade de outro ser, a possibilidade ainda trêmula da invenção de um mundo. De súbito, brilha um traço, um desenho novo se faz, um desenho da subjetividade, de um espaço-entre, de um movimento e de outra cartografia. É assim no trabalho de Marcelo Solá, que abriga tanto o registro cifrado dos acontecimentos do entorno do cerrado quanto a imaginação e o desejo que se fazem aventura de linguagem.

Atraído pela estranheza animal, o artista revira a domesticidade das imagens e salta à outra margem, extraíndo daí um saber possível, elaborando o que excede, realocando aspectos da cultura sob novos prismas, articulando o dentro e o fora, o dito e o não-dito e até mesmo o indizível. Os animais são parceiros de habitação de um mundo em construção, abrindo a possibilidade de formas híbridas de existência. Seu inventário infinito e inacabado captura aquilo que, na natureza é brincadeira e pura vertigem. Desenhar e escrever, inscrevendo nesse toque aquilo que se prolifera nas fronteiras do absurdo.

Jorge Luís Borges – escritor que se presentifica com seres híbridos e de caráter fantástico num belíssimo compêndio de animais imaginários – ensina sobre uma animalidade capaz de desafiar os limites da razão humana incluindo o próximo e alheio, cúmplice e arredio, a razão e o delírio. É nesse liame que a obra de Marcelo Solá se aloja, nos limites da linguagem, fazendo uso de ironia fina, cultivando um saber-fazer com essa intrusão

clandestina, a ponto de seu próprio corpo vestir o manto que também é um inventário, numa incorporação que é a extensão dos bichos e das casas que agora habitam sua pequena-imensa epifania. Como em Jacques Derrida que experimenta na escrita de si esse encontro tão estrangeiro quanto familiar: “Os animais me olham. Com ou sem rostos, justamente. Eles se multiplicam, eles me saltam cada vez mais selvagemente aos olhos à medida que meus textos parecem se tornar, como quiseram fazer-me crer, cada vez mais autobiográficos”.

Bianca Coutinho Dias
Psicanalista e Crítica de Artes





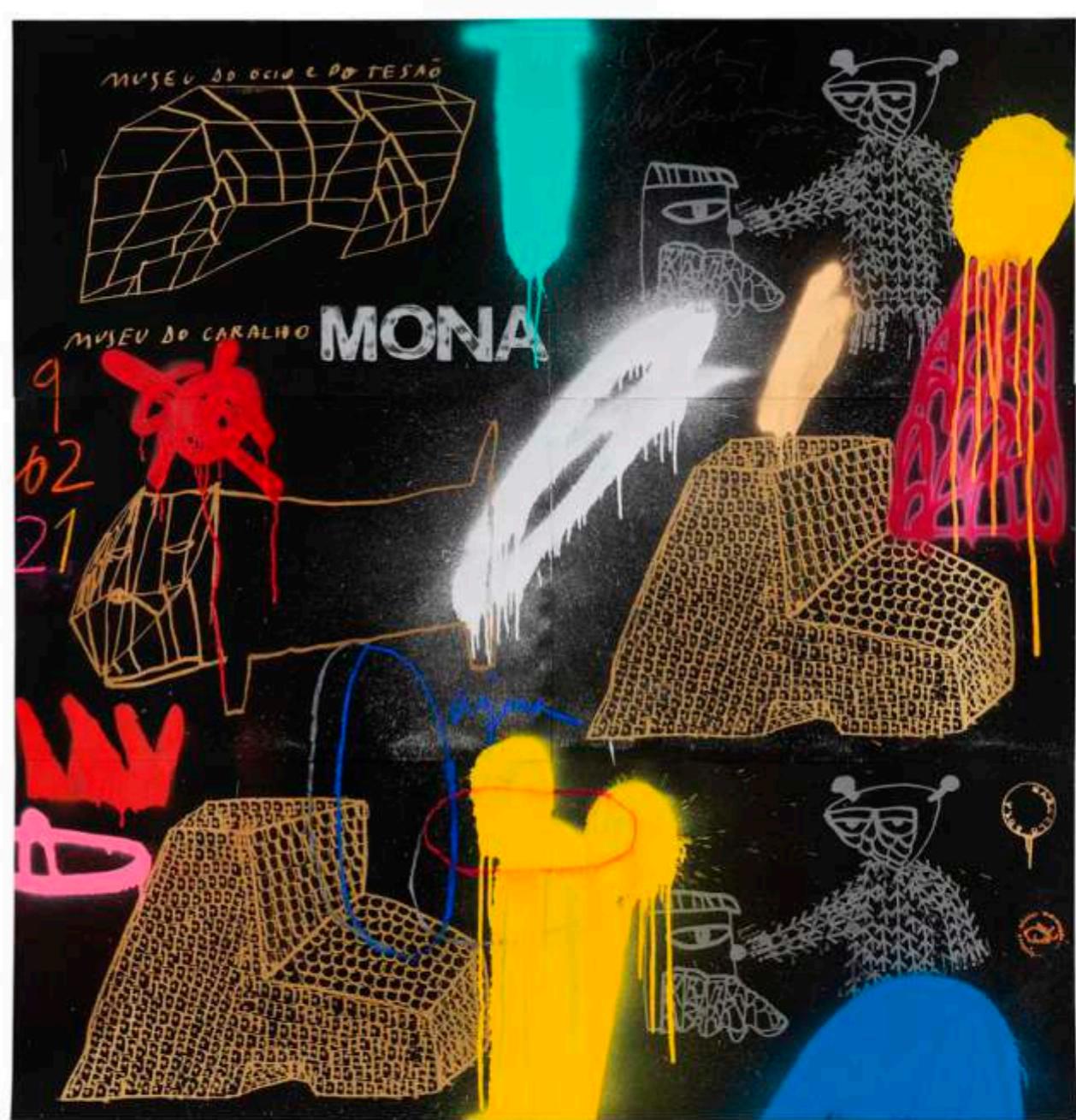
sem título / untitled, 2021 técnica mista sobre papel / mixed media on paper - 210 x 200 cm



sem título / untitled, 2021 técnica mista sobre papel / mixed media on paper - 106 x 80 cm



sem título / *untitled*, 2021 técnica mista sobre papel / *mixed media on paper* - 106 x 80 cm



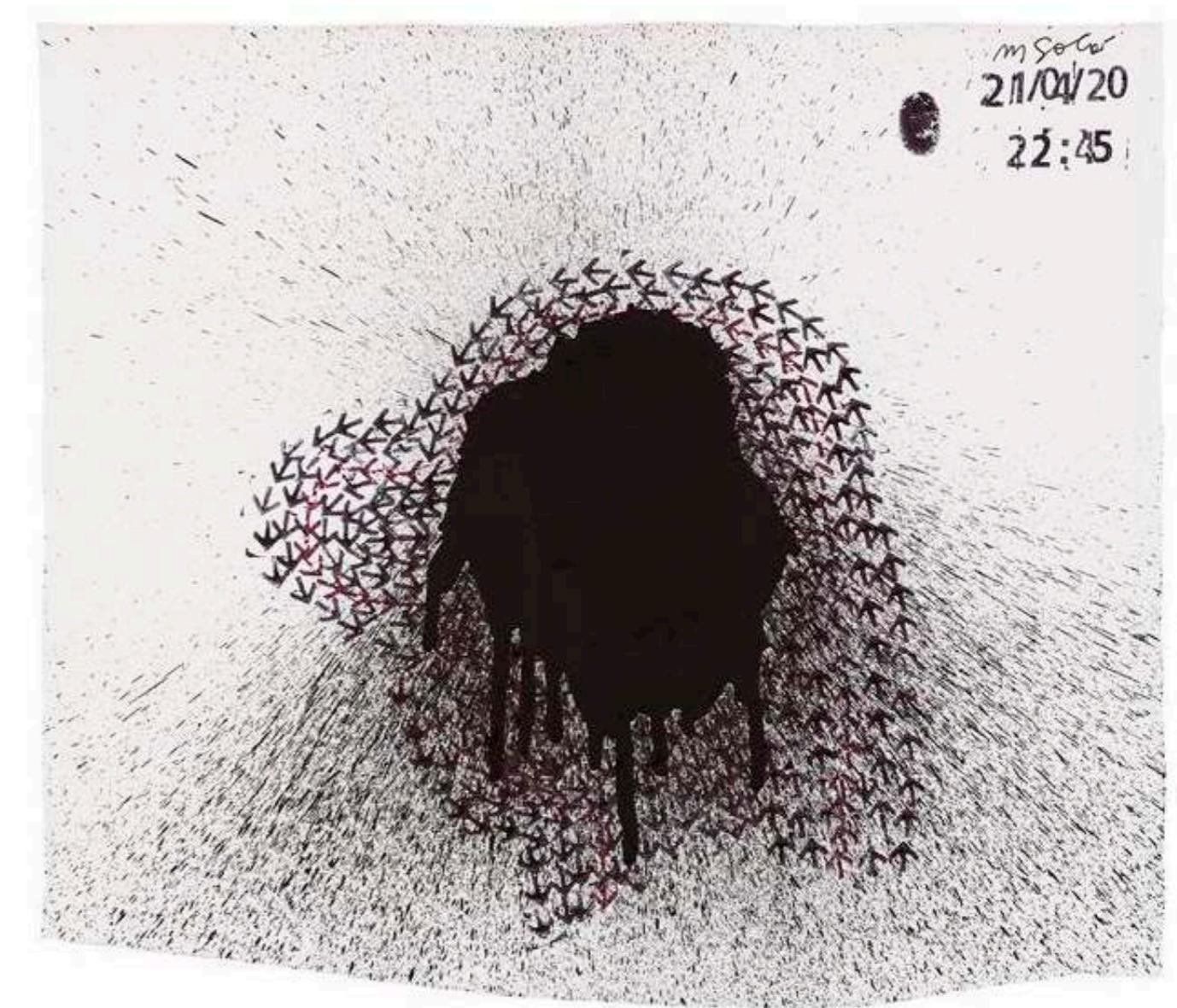
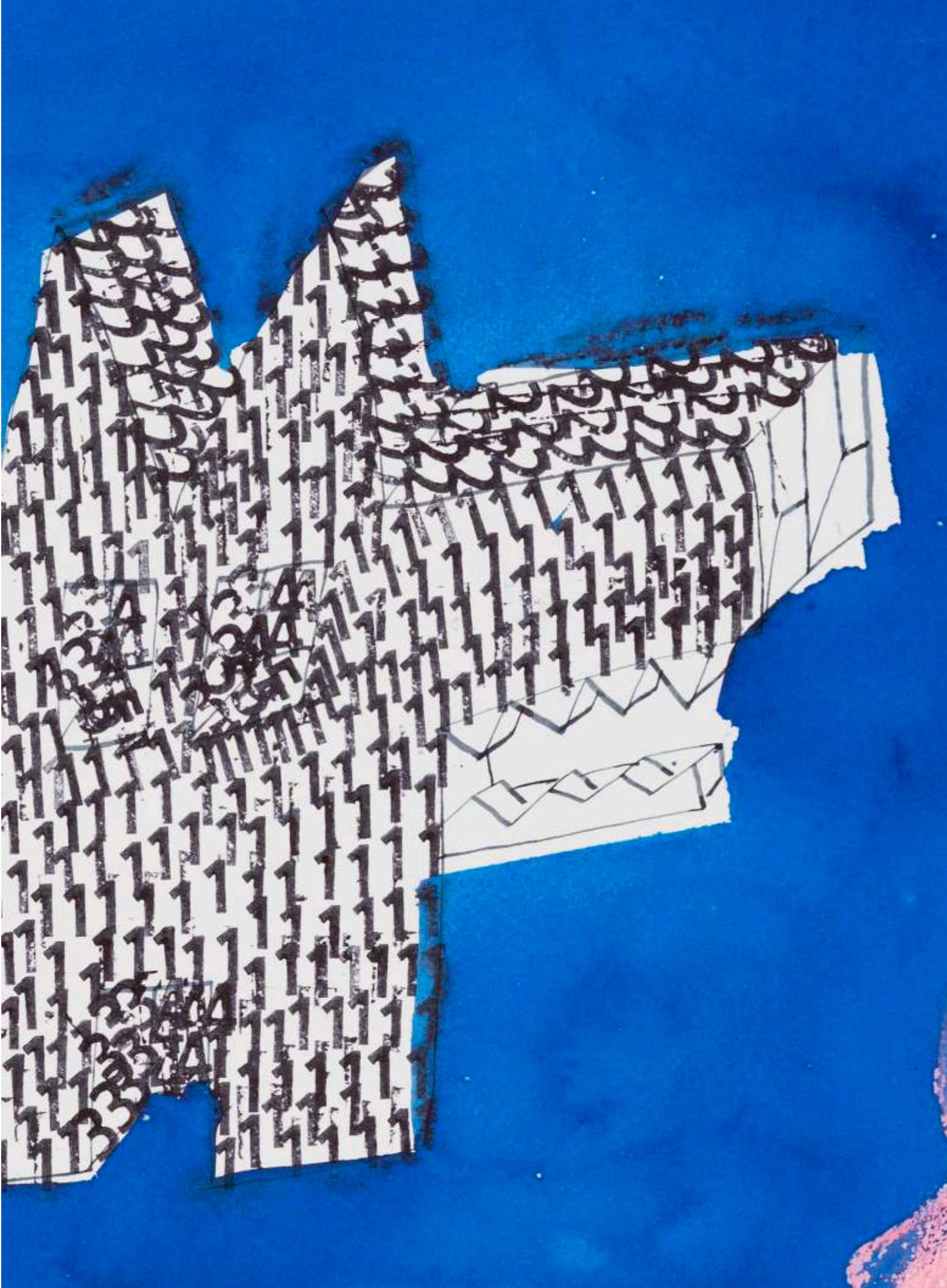
sem título / *untitled*, 2021 técnica mista sobre papel / *mixed media on paper* - 210 x 200 cm



sem título / *untitled*, 2021 técnica mista sobre papel / *mixed media on paper* - 106 x 80 cm



sem título / *untitled*, 2021 técnica mista sobre papel / *mixed media on paper* - 106 x 80 cm



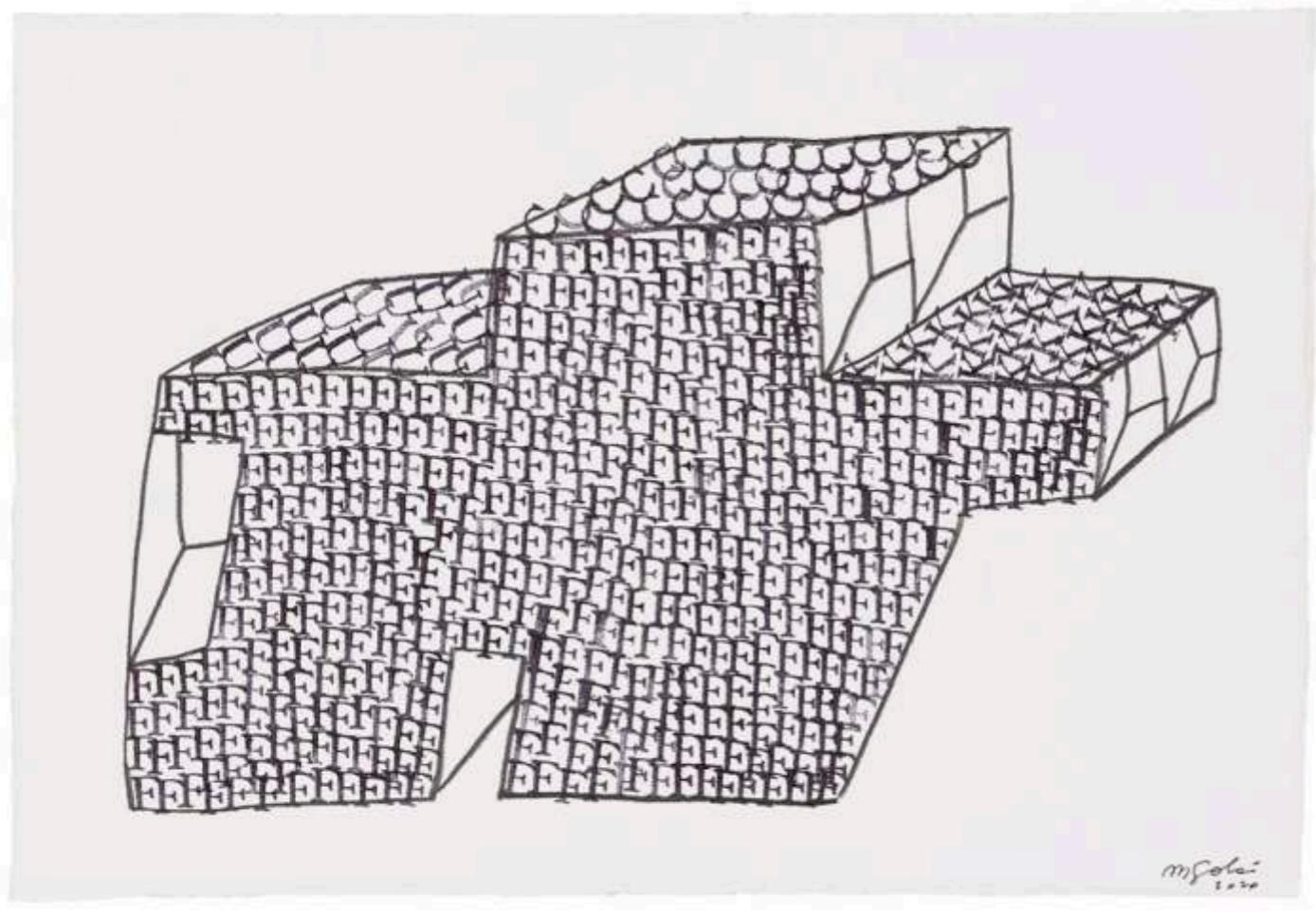
sem título / *untitled*, 2021 técnica mista sobre papel / *mixed media on paper* - 150 x 175 cm



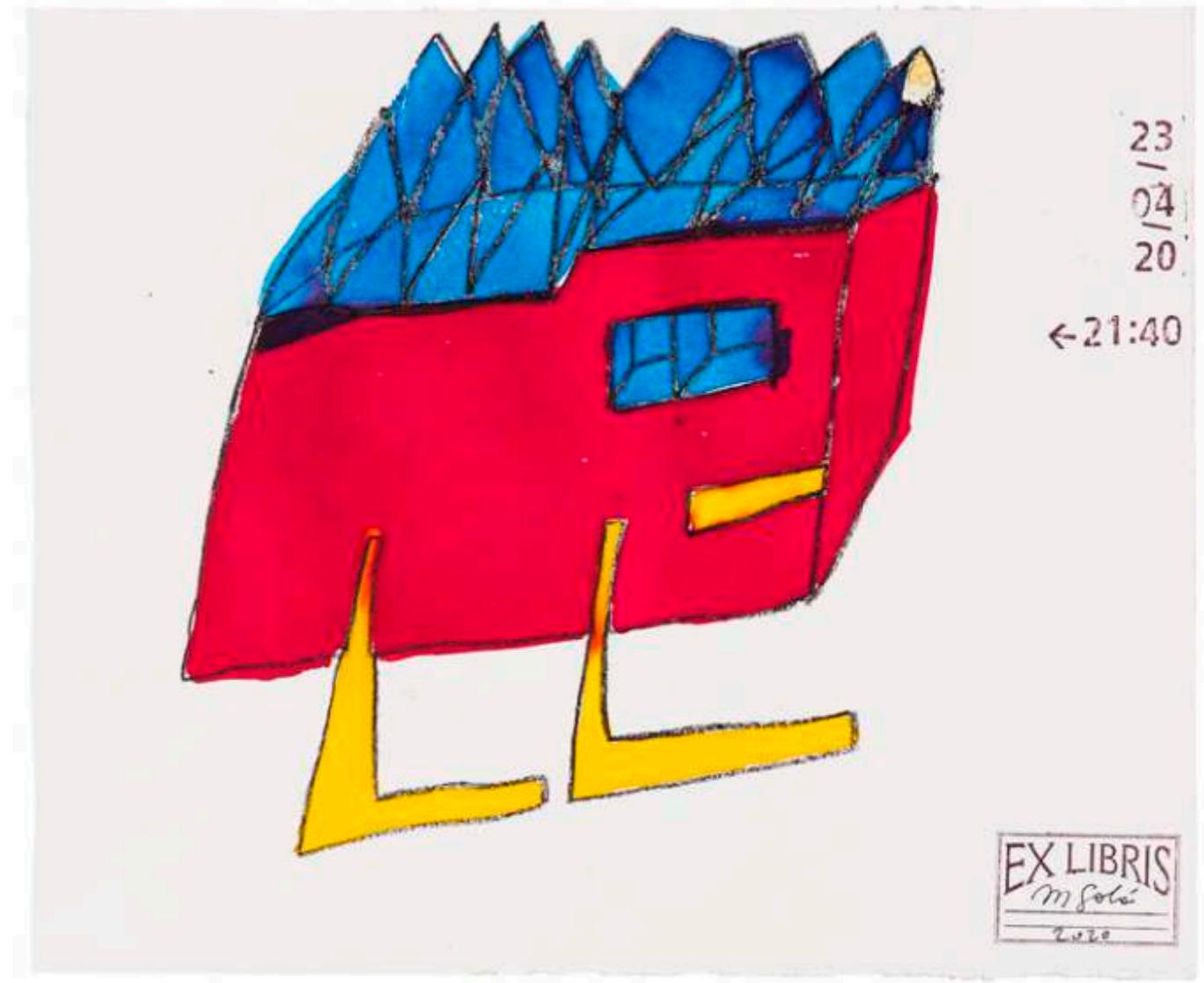
sem título / *untitled*, 2021 técnica mista sobre papel / *mixed media on paper* - 150 x 175 cm



sem título / *untitled*, 2021 técnica mista sobre papel / *mixed media on paper* - 150 x 175 cm



sem título / *untitled*, 2021 técnica mista sobre papel / *mixed media on paper* - 150 x 175 cm



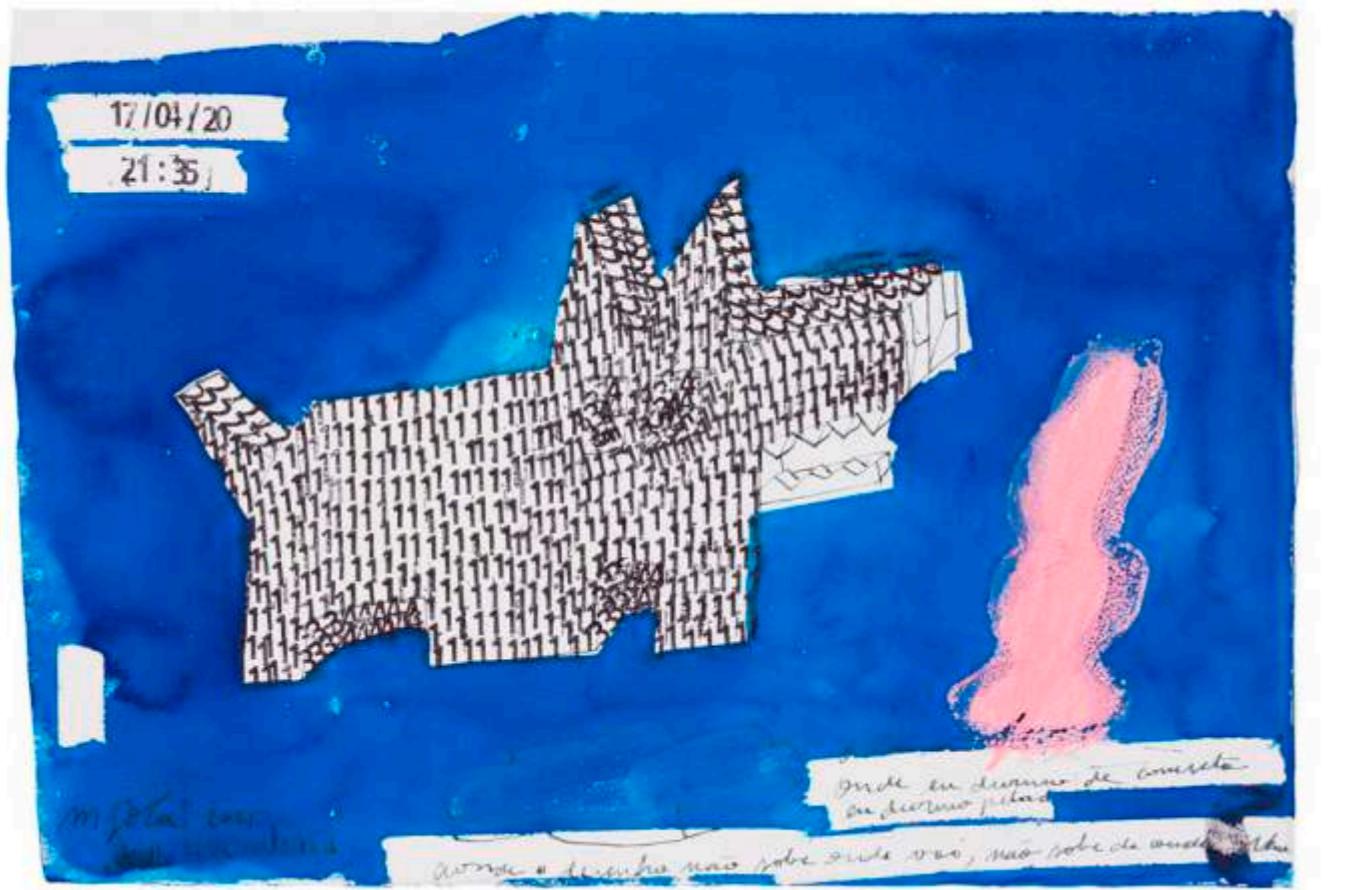
sem título / *untitled*, 2021 técnica mista sobre papel / *mixed media on paper* - 150 x 175 cm



sem título / *untitled*, 2021 técnica mista sobre papel / *mixed media on paper* - 150 x 175 cm



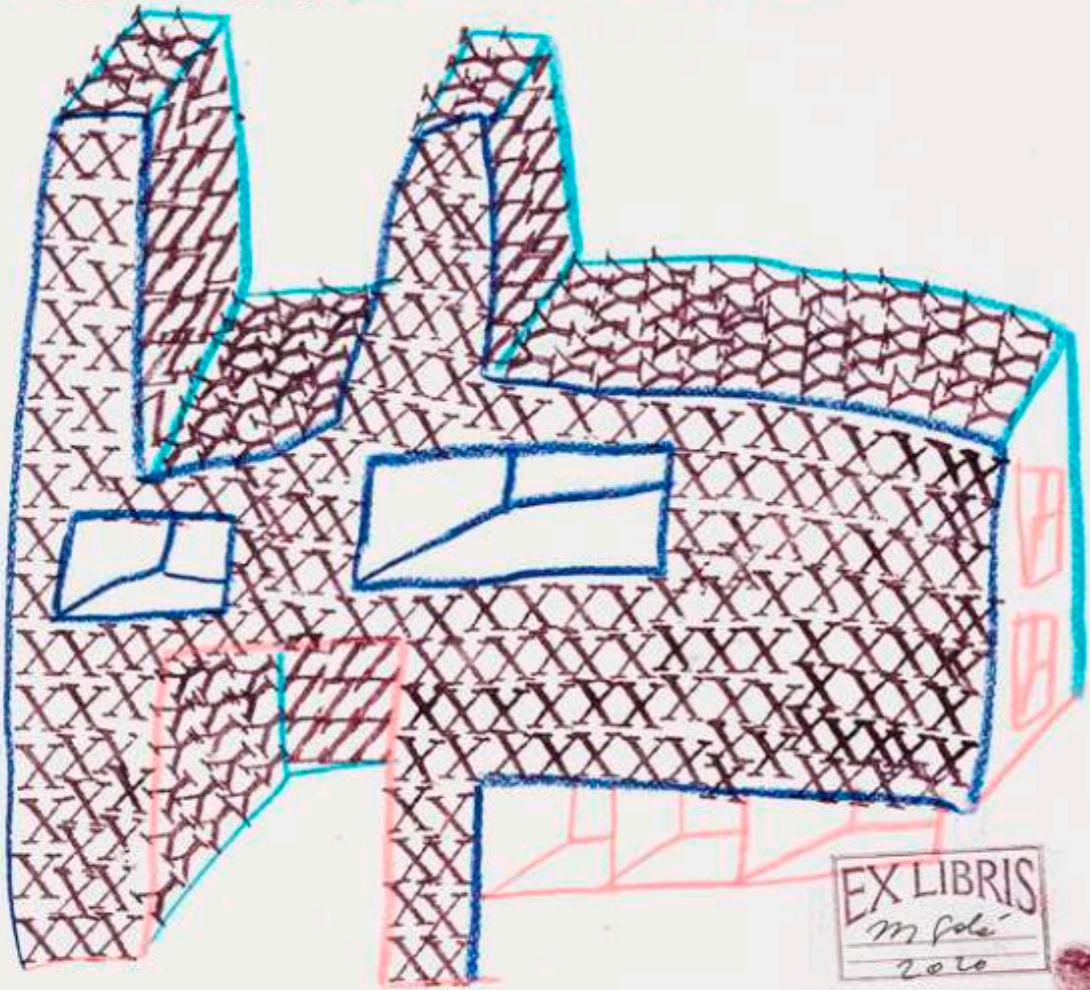
sem título / *untitled*, 2021 técnica mista sobre papel / *mixed media on paper* - 150 x 175 cm



sem título / untitled, 2021 técnica mista sobre papel / mixed media on paper - 150 x 175 cm



ABRIL OTTO DOIS MIL & VINTE



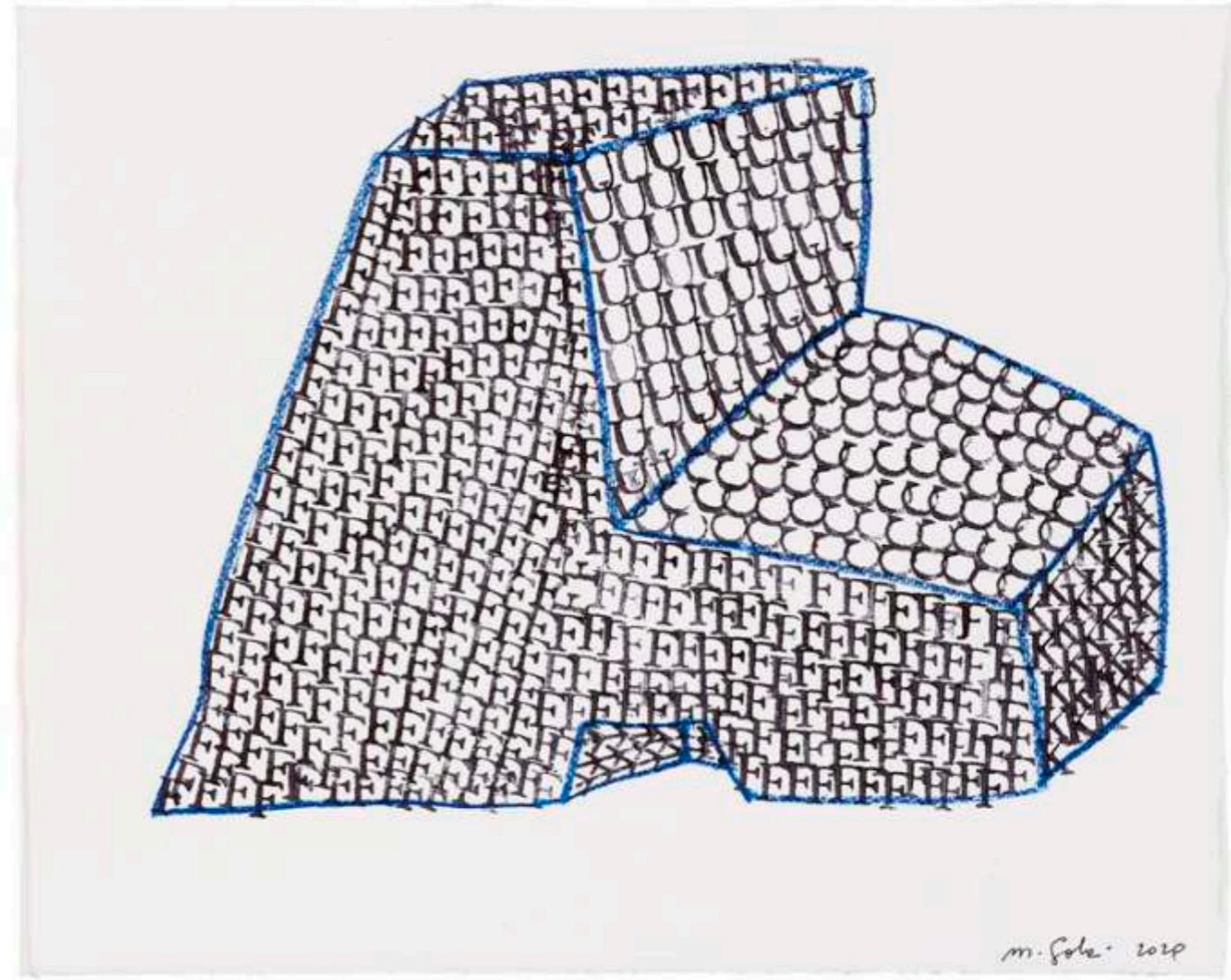
sem título / *untitled*, 2021 técnica mista sobre papel / *mixed media on paper* - 150 x 175 cm



sem título / *untitled*, 2021 técnica mista sobre papel / *mixed media on paper* - 150 x 175 cm



sem título / *untitled*, 2021 técnica mista sobre papel / *mixed media on paper* - 150 x 175 cm



sem título / *untitled*, 2021 técnica mista sobre papel / *mixed media on paper* - 150 x 175 cm



sem título / *untitled*, 2021 técnica mista sobre papel / *mixed media on paper* - 150 x 175 cm



sem título / *untitled*, 2021 técnica mista sobre papel / *mixed media on paper* - 150 x 175 cm



sem título / untitled, 2021 técnica mista sobre papel / mixed media on paper - 150 x 175 cm



sem título / untitled, 2021 técnica mista sobre papel / mixed media on paper - 127 x 100 cm



sem título / untitled, 2021 técnica mista sobre papel / mixed media on paper - 127 x 100 cm



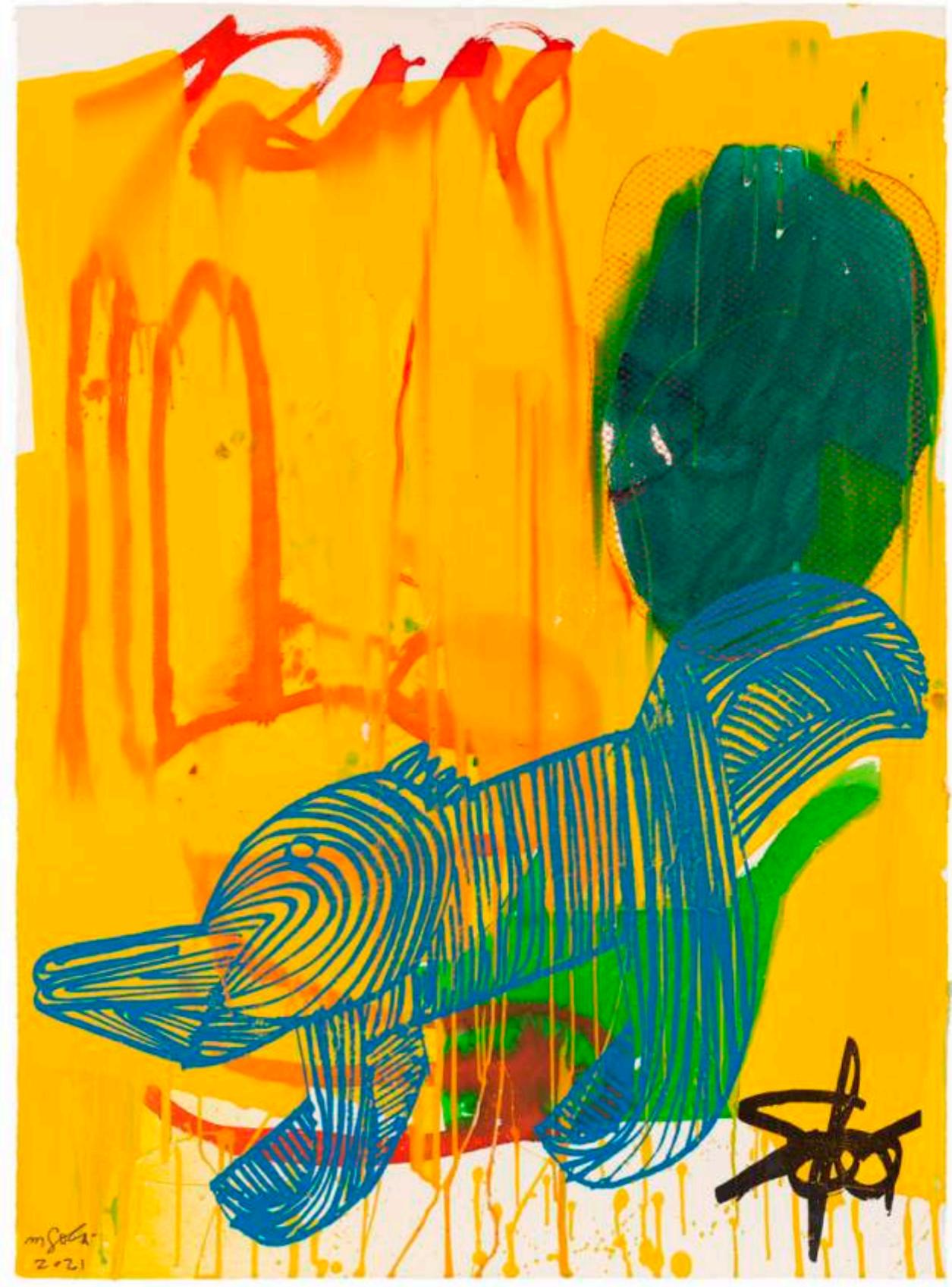
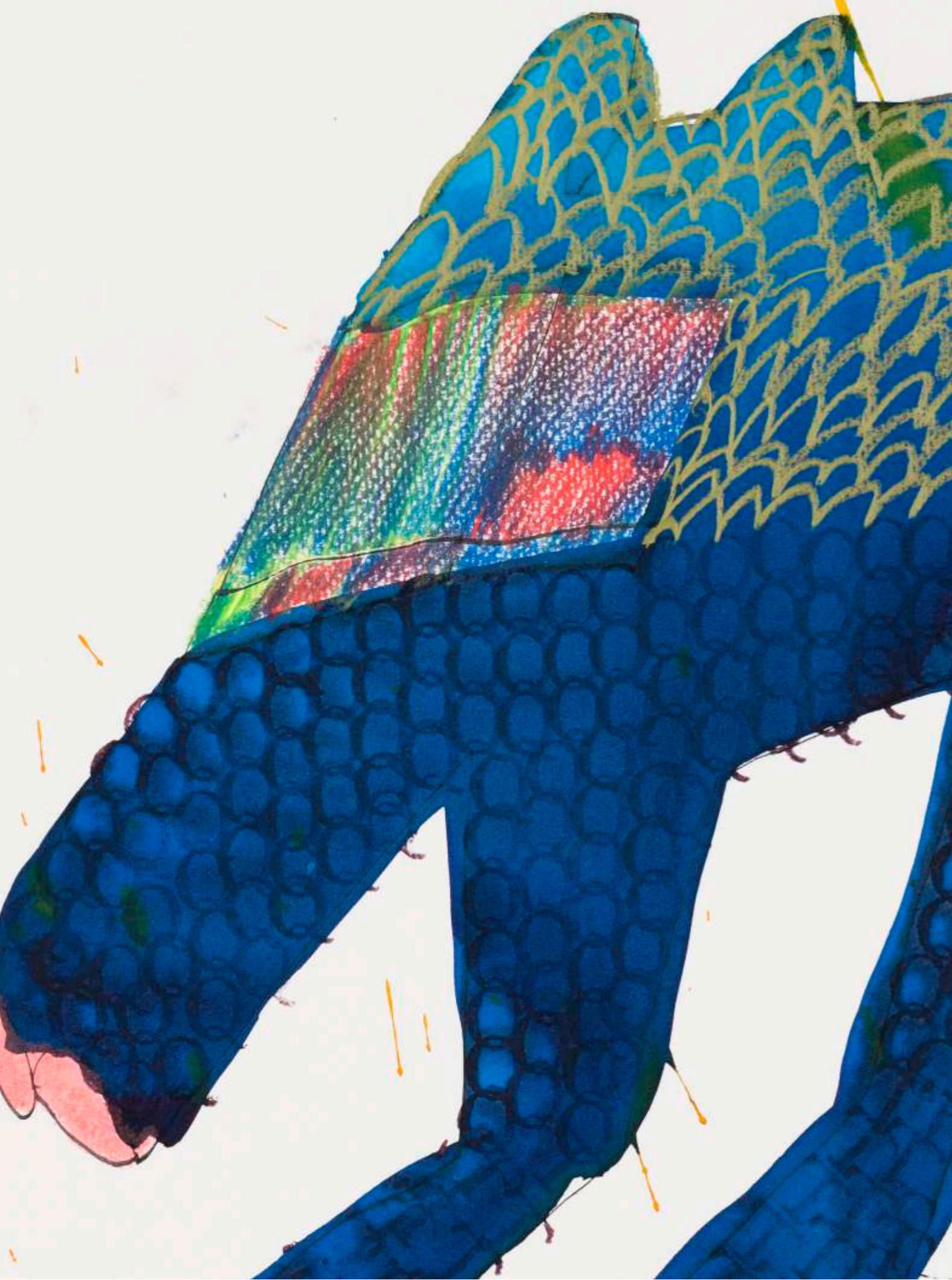
sem título / untitled, 2021 técnica mista sobre papel / mixed media on paper - 150 x 175 cm



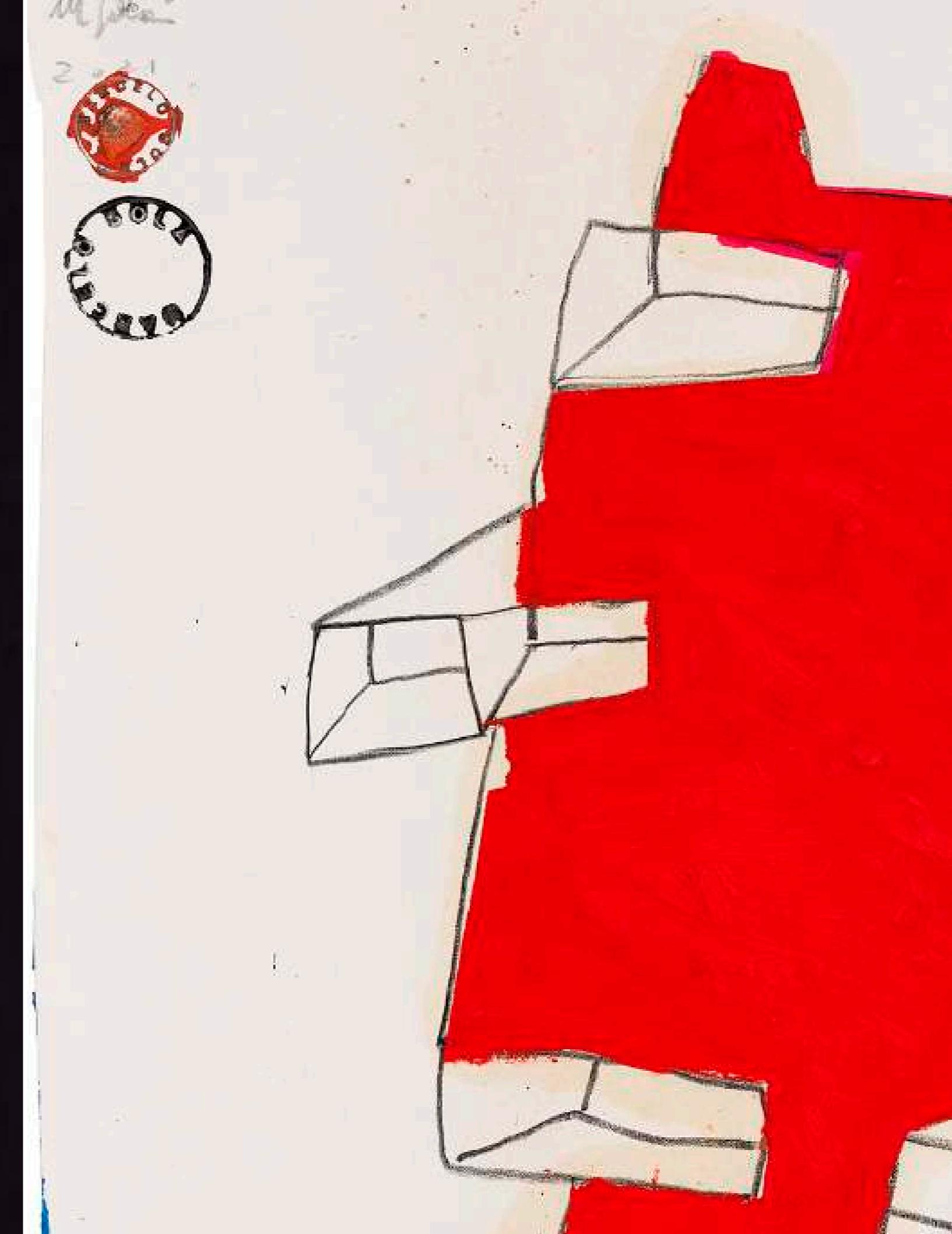
sem título / *untitled*, 2021 técnica mista sobre papel / *mixed media on paper* - 150 x 175 cm



sem título / *untitled*, 2021 técnica mista sobre papel / *mixed media on paper* - 100 x 70 cm



sem título / *untitled*, 2021 técnica mista sobre papel / mixed media on paper - 106 x 80 cm



The infinite taxonomy of a world about to be born

An inventory of houses and animals, a way to write a world, a way to penetrate the cracks into the scintillation of drawing: the universe invented by Marcelo Solá thrives on the thoroughness of the origins of form and cannot be classified anyhow.

In his world, animals peep at us – distantly and closely, fascinatingly, fun and staggering – animated by wandering trace and color. As if arising from a “pure drawing”, they look at us and strip us down of our narcissistic arrogance: only a fine line separates humanity from animality, domesticated from undomesticated. In a sensitive way, Solá places fantastic architectures and animals together, disparate elements that – through drawing and silkscreen – are juxtaposed into an endless inventory, into an infinite and ancestral taxonomy.

Sparse words, letters, numbers, outlined contour lined silhouettes and structures enunciate their own volumes, in which houses and animals mingle into graphic expressions. Colors and a penchant for the purity of the drawing in its original state are gathered as if the artist's gestures and traces were the outline of a disquiet, before the strange and familiar figure of an animal that represents the extreme otherness from which we were taken. Animals and unique architectural forms scramble together, which take us to mental temporal spaces, making us slip into diverse directions in which the porous relationship between childhood and art updates that kind of “pure drawing”. The dimension of humor – together with the flirtation with feelings escaped from tamed senses – grant us with the mystery of the early days that never dissipate: they are scrabbles or traces sketched in a noisy way, preserving the spark of inaccessibility and non-representative part of a work.

The thick layers of color sort themselves out into a particular alchemy, like a skin overlapping another skin; like a jump including humor and poetry and making us enter the boundaries of humanity and animality; the self and the other; the outside and the inside; the strange and the close.

Houses are invaded by animals animated by a pop and delusional logic – arising from drawings, comics or cartoons – with bizarre shapes and disparate colors that open up the artist's great capacity of abstraction and his high imaginative power. Everything seems to come from drawing that turn into other languages. However, drawing is – to Marcelo Solá – writing that acquires different modulations, leading him to more hybrid textual forms, making him experiment possibilities, especially the ones with rhythm. There is, in the first gesture of the drawing, a rhythm seemingly to guide the work, crossed by mixed forms of existence and by animal figures that start to populate their constructions in a more explicit way.

In this delicate zone of intersection between childhood and art, the game, the ludic, the play, the nebulous dimension of fantasy and a kind of mutant body – that lead to a constant questioning about the visible and the invisible – are joined together. Like subjects of these mutations, houses and animals overflow their own identity, create areas of uncertainty that are out of control and open gaps to their own space.

In order to achieve a sensitivity that is not constrained by reason, or even to access regions of nonsense, houses and animals experience themselves many expressive possibilities and various formal adjustments. This artist creates his own alphabet and develops his work settled on a hybrid of languages: silkscreen, drawing, painting and a heterogeneous material that mixes elements and

animals from the 'cerrado' (Brazilian savanna), an architecture forged in the fabulation as a fantastic script that shelters anteaters, wolves, armadillos and coatis. A dose of astonishment and a dose of humor make everything move graphically between different paint textures, superimposing nuances and filigree of a vivid and complex relationship between the artist's body, houses and animals in a mythical process that alludes to the return of an original narration.

To Solá, drawing is a graphic language and a path, a nod and a sign of presence in the world, from which other languages emerge. The device that gives way to his freedom is the open nature of the drawing, though. Letters, words, names, inks and other material prints reveal a singular calligraphy that radiates and affirms the primary gesture of the opening to spontaneity, from an intimate center or an idea.

We find this poetic thickness in the writing by Jean Claude Ameisen, a biologist and thinker who describes an idea of origin mediated by an epistemophilic drive, which is the wish to know, which implies the articulation between thinking and feeling. Ameisen locates, in the subjectivity processes of a child, the possibility of “irradiation” as a subjective integration of the rhythm of the world, yet deaf and thick. It is something that allows a design between the body of the mother and of the baby shows up. As a process, it goes forward to the world as a writing that comes out of limbo and darkness - the mother's body – and opens up to external stimuli and creates possibility for another being, the still tremulous possibility of the invention of a world. Suddenly, a line shines, a new drawing is made, a drawing of subjectivity, of a space-between, of a movement and of another cartography. This is what happens in the work by Marcelo Solá: it shelters, not only the encrypted record of the events surrounding the 'cerrado', but also the imagination and wish that turns into a language adventure.

Attracted by animal strangeness, the artist turns the domesticity of images and jumps to the other border, extracting possible knowledge from there, elaborating what exceeds, reallocating aspects of culture under new prisms, articulating the inside and the outside, things that is said and things that is not said and, even, things that are unspeakable. Animals are housing partners in a world under construction, opening up possibilities for hybrid forms of existence. Its infinite, unfinished inventory captures what, in nature, is game and pure vertigo. He Draws and writes, inscribing in that touch things that proliferate on the borders of the absurd.

Jorge Luís Borges – writer who presents himself with hybrid beings full of a fantastic character in a beautiful compendium of imaginary animals – teaches us about an animality capable of challenging the limits of human reason, including neighbor and alien, accomplice and aloof, reason and delirium. The work by Marcelo Solá lodges itself in that nexus, which is inside the limits of language, using fine irony, cultivating an expertise with that clandestine intrusion, to the point that his own body wears the mantle that is also an inventory, in an incorporation, which is the extension of animals and houses that now inhabit his small immense epiphany. Like in Jacques Derrida, who experiences in that writing, which is as foreign as familiar: “Animals look to me, with or without faces, alike. They multiply, they jump more and more savagely into my eyes as long as my texts seem to become – as they wanted to make me believe – more and more autobiographical”.

Bianca Coutinho Dias
Psicanalyst and Art Critic

Marcelo Solá, Goiânia, 1971, vive e trabalha em Goiânia.
Goiânia, 1971, lives and works in Goiânia -Brazil.

Entre as suas numerosas exposições, destacam-se as individuais:
Among his numerous exhibitions, the individual ones stand out:

2020- Marcelo Solá / O Desenho e a Fabricação do Mundo - Instituto Leo Romano;
2019- Marcelo Solá / Dessin sur papier – Galeria Ricardo Fernandes – Paris/França;
2019- Marcelo Solá / Serigrafias recentes – Vila Cultural Cora Coralina – Goiânia/GO;
2019- Marcelo Solá / Desenhos recentes – Galeria Pilar – São Paulo/SP;
2019- Marcelo Solá / Desenhos recentes – Galeria Luciana Caravello – Rio de Janeiro/RJ;
2018- Marcelo Solá / Desenhos recentes – Palácio Conde dos Arcos – Cidade de Goiás/GO;
2017- MAG – Museu de Arte de Goiânia, em Goiânia – GO;
2017- Galeria Orlando Lemos, Belo Horizonte – MG;
2017- Galeria Karla Osório – Brasília – DF;
2014- Museu de Arte Contemporânea - MAC Goiás – Centro Cultural Oscar Niemeyer – Goiânia - GO;
2009- Galeria Casa de Cultura Laura Alvin, 2010; Nova Artenova;
2009- Centro Cultural Banco do Brasil;
2009- Galeria Virgílio, 2009; MAMAM no Pateo, Recife - Pernambuco;
2005- Funarte, Brasília - DF;
1999- Museu de Arte Contemporânea, Goiânia;
1999- Galeria Casa Triângulo, São Paulo - São Paulo – SP;
1997- Museu Nacional de Belas Artes, Rio de Janeiro - Rio de Janeiro/RJ;
1997- Centro Cultural São Paulo, São Paulo.

Das exposições coletivas, destacam-se:
Among his collective exhibitions, the ones which should be mentioned are:

2019- Doações 2019 - Museu Nacional da República – Brasília/DF
2019- 24º Salão Anapolino de Arte/ Prêmio Artista Convidado – Anapolis/GO
2019- Síntese Dinâmica III – Galeria Karla Osório – Brasília/DF
2019- Exercícios do Olhar: plural-singular - Galeria Karla Osório – Brasília/DF
2017- Síntese Dinâmica – Galeria Karla Osório – Brasília/DF
2018- Conversa – Artistas Goianos – Galeria Referência – Brasília/DF
2016- Exposição O Útero do Mundo – MAM – Museu de Arte Moderna – São Paulo – SP
2013- Exposição Blind Field – Krannert Art Museum, em Illinois – EUA; Heteronomia,
2009- Museu Casa de América, Madri;
2006- 10+1: Os Anos Recentes da Arte Brasileira, no Instituto Tomie Ohtake, São Paulo;
2004- Novas Aquisições Coleção Gilberto Chateaubriand, no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro[MAM-RIO];
2002- 25º Bienal de São Paulo - São Paulo – SP;
2001- Dawing Center, Nova Iorque – NY - USA;
1999- Panorama da Arte Brasileira Contemporânea sobre Papel, MAM-SP, São Paulo;
1998- XVI Salão de Nacional de Artes Plásticas, MAM-Rio, Rio de Janeiro;
1998- Prêmio Brasília de Artes Visuais, do Museu de Arte de Brasília, Brasília/DF.

texto:
bianca coutinho Dias

tradução do texto em inglês:
rubens santos

design gráfico:
marcelo solá - maurício mota

fotografias:
paulo dourado rezende

tipografia:
newsgothic cn bT
newsgothic bT

papéis:
polem 90 bold
supremo duo design 350g
couche fosco 150g



GAH²⁰₂₁

De 11 junho a 11 agosto 2021

CASSIA BOMENY

GALERIA

CASSIA BOMENY GALERIA
RUA GARCIA D'ÁVILA 196 - IPANEMA - RIO DE JANEIRO

FUNCIONAMENTO:
SEG A SEX: 10:00 AS 19:00
SAB: POR AGENDAMENTO

+55 21 3085 3000
+55 21 97390 5995

CONTATO@CASSIABOMENY.COM.BR